

# Parceria é alternativa para escola pública

*Ação de cooperação é tendência que se fortalece numa área carente de recursos*

GABRIELA ATHIAS

As parcerias educacionais entre empresas, ou instituições e escolas públicas, apesar de serem iniciativas recentes no País, vêm-se mostrando uma alternativa viável para compensar a falta de qualidade da rede pública de ensino. Nos últimos três anos, só a Secretaria da Educação de São Paulo firmou mais de cem ações de cooperação por meio do programa Escola em Parceria. Esses investimentos suprem a necessidade dos recursos – escassos na rede pública – mas podem estimular a formação de ilhas de excelência dentro do sistema. Enquanto algumas escolas mal têm dinheiro para reformar banheiros, outras têm redes de computadores e usam programas de última geração.

“As parcerias não devem substituir o papel do Estado”, alerta Pedro Jacobi, que pesquisa gestão escolar na Universidade de São Paulo (USP). Para Sônia Penin, diretora da Coordenadoria de Ensino

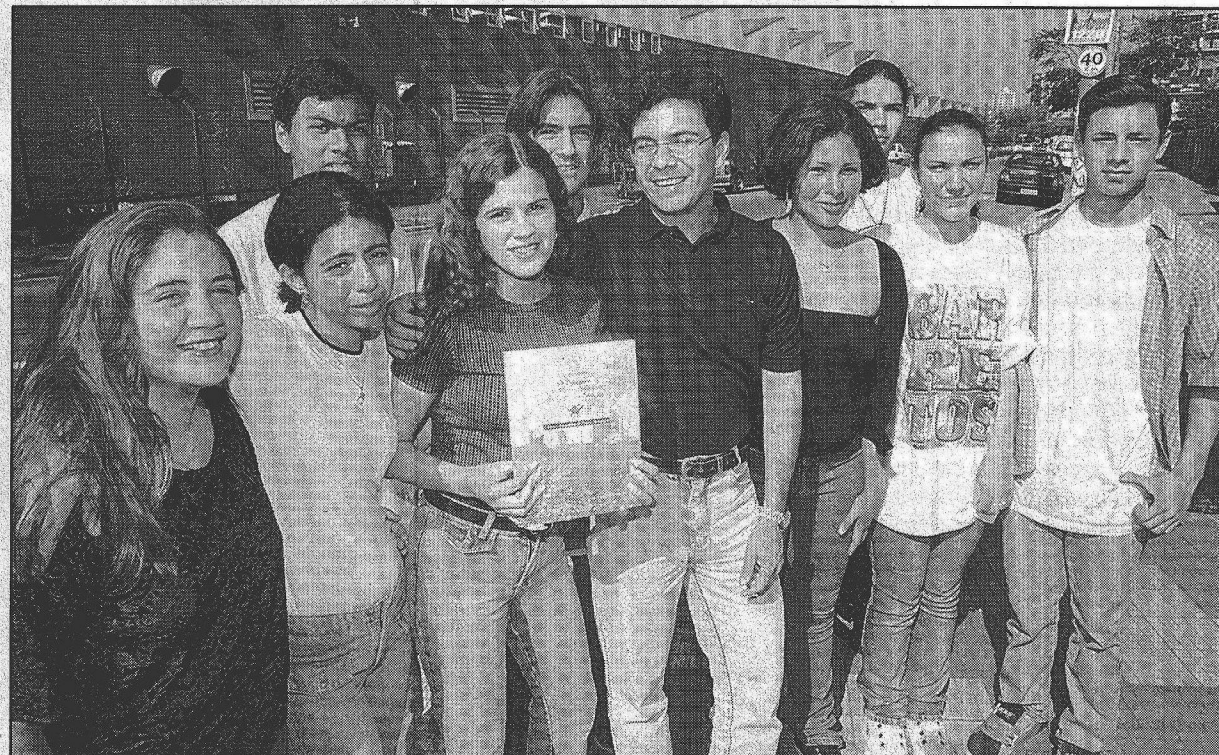
da Região Metropolitana da Grande São Paulo (Cogesp), o governo deve distribuir recursos de forma equitativa às escolas da rede para garantir um padrão básico de qualidade. “Se o diretor ou a Associação de Pais e Mestres (APM) consegue modernizar a escola por meio de parcerias isso é um plus; o Estado é que não pode tratar as escolas de forma desigual”, diz.

A rede pública brasileira tem desigualdades regionais imensas. Enquanto 64,8% das escolas de ensino médio do Sudeste contam com laboratório de ciências, no Norte são apenas 20,7%, contra 76% no Sul. Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educativas

**P**ESQUISA É  
FINANCIADA  
PELO BANCO  
MUNDIAL

nacionais (Inep). “Minas Gerais, São Paulo e Paraná são redes de excelência”, admite Rachel Namor Cury, a educadora que criou na Secretaria da Educação de São Paulo o programa Escola em Parceria. Para ela, “essas diferenças acompanham as diferenças socioeconômicas do Brasil”.

O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cempec) acaba de concluir a seleção dos 36 projetos educacionais mais bem-sucedidos do País para alunos de 5.<sup>a</sup> a 8.<sup>a</sup> séries e ensino médio (2.<sup>o</sup> Grau). O



Carlos Roberto Barbosa e seus alunos: ele ganhou o Prêmio Professor Nota 10, da Fundação Victor Civita

resultado comprova a força das parcerias na busca da qualidade. Dos 36 projetos selecionados nos Estados de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, 9 são executados por escolas privadas.

Entre os 27 projetos tocados na rede pública, quase 37% são em colégios que mantêm parcerias com empresas ou instituições sem fins lucrativos. “Percebemos que as ações de cooperação em torno da

escola são uma tendência que se fortalece cada vez mais”, diz a pesquisadora Valéria Virgínia Lopes, do Cempec. Em São Paulo, de 12 projetos, quatro são executados em escolas particulares e oito em escolas públicas, das quais, cinco mantêm parcerias. “Temos de ser pragmáticos; a parceria é a única forma de a escola pública conseguir qualidade”, diz Jacobi. No entanto, ele ressalta que as parcerias

educacionais devem respeitar a “necessidade de uniformização e universalização” do conhecimento nas escolas públicas.

A pesquisa, financiada com recursos do Banco Mundial, visa a criação de um banco de dados para servir a toda rede brasileira de ensino nas esferas pública e privada. O relatório final, com a descrição dos projetos, será divulgado nos próximos dias.

Robson Fernandes/AE